



**Estudante B:**

Mais de uma revista teosófica internacional impressa deixou de circular de 2007 para cá. Exemplos disso são a "Sunrise", da Sociedade Teosófica de Pasadena; a "Fohat" da ST de Edmonton; e a "Theosophy", da LUT em Los Angeles. Estas perdas são compensadas em parte pela expansão das atividades teosóficas na Internet, mas são, mesmo assim, perdas importantes. A "Sunrise", da Sociedade de Pasadena (que está presente em dez países), foi substituída pelo lançamento de um boletim bem mais modesto. "The Aquarian Theosophist", revista eletrônica da LUT, tem circulação pequena. A Sociedade Teosófica de Adyar mergulhou em 2008 em uma crise política e ética sem precedentes.

O movimento como um todo tem hoje apenas duas revistas impressas, internacionais e mensais. Uma é "**The Theosophical Movement**", da LUT na Índia (Mumbai), de excelente qualidade. A outra é "**The Theosophist**", da ST de Adyar, também na Índia, de baixa qualidade e com quase nenhuma teosofia em suas páginas.

**Estudante A:**

Segundo alguém que estuda a história do movimento, foi exatamente nos momentos em que o movimento era mais questionador que ele teve mais força e vitalidade. Durante a vida de H.P.Blavatsky, por exemplo, o movimento era forte, e ao mesmo tempo desafiava frontalmente as castas sacerdotais das diferentes religiões, assim como destruía os dogmas científicos materialistas. Haverá uma relação direta entre a vitalidade teosófica e a capacidade do movimento de "enfrentar os moinhos de vento", derrubando os dogmas que impedem o nascimento da liberdade de espírito?

**Estudante B:**

Sem dúvida. Desafiar o erro é indispensável. A questão de Deus é um bom exemplo. Desde a morte de H.P.B., o movimento praticamente cessou de afirmar em público e de demonstrar com argumentos claros que o Deus monoteísta é apenas uma invenção humana, e das mais defeituosas.

Desde 1891, mesmo os setores mais leais do movimento evitaram um confronto direto intenso com o dogmatismo cristão e de outras religiões. Foi um recurso didático para poder chegar a mais pessoas nas circunstâncias em que se devia atuar. A ST de Adyar, por sua vez, já no início do século vinte abandonou a teosofia para criar uma farsa neo-cristã, fabricando um "Cristo" e um "Avatar" próprios, na pessoa de Jiddu Krishnamurti.

Assim, o movimento como um todo deixou – salvo exceções - de encaminhar de modo mais direto e frontal a libertação do espírito humano de duas prisões igualmente desastrosas, e que reforçam uma à outra. Elas são:

1) O consumismo e o materialismo econômico, que se apóia no darwinismo e outras formas de cientificismo; e

2) O igrejismo, que se apresenta como cristianismo e como crente em "deus", mas na prática exige a fé dos seus fiéis nas suas igrejas e teologias dogmáticas.

**Estudante A:**

Entendo. Oitenta ou noventa por cento do movimento - Adyar - praticamente abandonaram a teosofia. Os dez ou vinte por cento de teosofistas autênticos tiveram que priorizar o estudo e a vivência da literatura, dentro do que as suas forças permitiam. Assim, renunciaram a boa parte da sua ação crítica ostensiva diante dos mecanismos de reprodução da ignorância coletiva.

**Estudante B:**

Exatamente. Foi uma questão de realismo e de sabedoria. Porém, houve um preço a pagar. A moderação reforçada do movimento teosófico em relação à tarefa de libertar a humanidade destes dois mecanismos de ilusão fez com que ocorressem três coisas:

- A) O movimento foi preservado, mas encolheu gradualmente de tamanho e perdeu vitalidade;
- B) Ficou mais fácil para as castas sacerdotais prolongar a vida do dogmatismo religioso que impede pensar;
- C) Tornou-se mais fácil para os ideólogos da tecnocracia esticar a vida do materialismo consumista que impele o cidadão a pensar apenas em dinheiro.

Por outro lado, os setores autênticos do movimento obtiveram uma vitória extraordinária e heróica - que deve ser celebrada - ao preservar a literatura original e o próprio movimento original como algo vivo até nós, já no século 21. Mas o movimento teosófico está em uma situação tal, hoje, que é preciso acentuar o tradicional diálogo franco sobre todas as coisas, inclusive sobre ele mesmo. E também é oportuno acelerar o processo pelo qual a humanidade se liberta, gradual mas simultaneamente, de duas farsas que realimentam uma à outra. Uma é a farsa da crença nas igrejas. A outra é a fantasia segundo a qual a vida é um processo apenas material.

**NOTA:**

[1] Veja a Declaração da LUT na seção “Loja Unida de Teosofistas” do website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) .

## SerAtento Estuda “O Oceano da Teosofia”

Clássico da Literatura Esotérica Serve de Base Para Curso Online

Está terminada a tradução da obra “O Oceano da Teosofia”, de William Q. Judge. Dos seus dezessete capítulos, catorze estão publicados em seção temática própria no website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com). Apenas três capítulos aguardam pela revisão final. Levando em

conta este fato, a coordenação do Yahoo-Grupo **SerAtento** decidiu incluir nos seus estudos cotidianos um curso de introdução à teosofia clássica, com base em “O Oceano”.

William Judge foi um dos três principais fundadores do movimento teosófico, em sete de setembro de 1875, em Nova Iorque. Quando Annie Besant e Henry Olcott abandonaram a teosofia autêntica, Judge permaneceu fiel ao ensinamento de Helena Blavatsky e dos mestres dos Himalaias. Robert Crosbie, o fundador da Loja Unida de Teosofistas, era discípulo e amigo de Judge. Nas lojas da LUT em vários países, uma das atividades centrais dos novos estudantes de teosofia é o calmo estudo conjunto dessa obra.

"O Oceano" tem um estilo acessível e fluente, trazendo ao principiante uma quantidade enorme de ensinamentos em linguagem mais simples que outras obras clássicas. É comum o estudante começar a leitura de obras teosóficas de maior fôlego, como “Isis Sem Véu” ou “A Doutrina Secreta”, após concluir este livro.

O curso sobre “O Oceano” está começando em janeiro e contará com duas lições semanais, enquanto aborda o livro em sequência desde o início até o final. Dependendo de seu tamanho, cada capítulo ocupará uma ou duas semanas. Em todos os momentos, haverá a possibilidade de perguntas e diálogos visando esclarecer o ensinamento contido na obra. Para mais informações sobre como é possível participar do e-grupo **SerAtento** e ter acesso ao curso, os interessados devem escrever a [lutbr@terra.com.br](mailto:lutbr@terra.com.br).

## Vivendo à Beira do Oceano: A História Humana de Longo Prazo Uma Visão da Maré Cármica Que Traz e Leva Civilizações

As civilizações antigas são normalmente olhadas com um ar de superioridade pela nossa cultura atual. Considera-se que tudo o que é anterior a nós nada mais é que um passado de barbárie e ignorância.

É verdade que há barbárie no passado. Mas também é um fato que a Luz do Conhecimento e da Verdade não surgiu sobre a Terra há meia dúzia de décadas. Inúmeros são os exemplos de que a Terra já viu numerosas civilizações nascerem e morrerem, e de que muitas delas foram detentoras de grande conhecimento e sabedoria.

O Cristianismo da letra morta ensina ainda hoje aos seus fieis que a luz misericordiosa do seu Deus monoteísta imaginário apenas brilhou quando da pretensa passagem de Jesus pela Terra, chegando ao ponto de defender que todos os homens sábios pagãos anteriores a este, que apresentam vidas em tudo semelhantes à do chamado "Filho de Deus", nada mais são do que "falsificações", ou, alternativamente, "plágios antes do original".

É esta linha de pensamento que está presente na psique coletiva e que acaba por sustentar a altivez com que a civilização atual e os países (ditos) desenvolvidos olham para os países menos desenvolvidos e, ainda mais, para os povos antigos.

Se algo surgiu de grandioso no passado "foi fruto de um feliz acaso", dizem os desinformados. Se homens e mulheres notáveis se destacaram pelo seu saber durante os séculos anteriores ao nosso, é porque foram arautos do conhecimento supremo que é patrimônio dos intelectuais de nossa época. Afinal, de que vale essa sabedoria antiga comparada com a nossa ciência, a nossa tecnologia, os nossos carros, televisões e computadores? Não dominamos as forças da natureza para satisfazer os nossos caprichos?

Mas cabe perguntar, também:

“Estaremos assim tão seguros da nossa proclamada superioridade? Afinal, superioridade em quê?”

Imaginemos um exemplo: o que aconteceria se durante um longo período de tempo uma substancial parte do mundo, por exemplo o Hemisfério Norte, ficasse privada de qualquer fonte de energia elétrica? Não tendo como preservar os alimentos em frigoríficos, não tendo meios de comunicação, não conseguindo abastecer os veículos, não dispondo de iluminação, provavelmente regressaríamos até ao ponto de, por exemplo, ter de voltar a viver em cabanas ou grutas e a ter de aprender a fazer fogo manualmente para sobreviver. Muito daquilo em que baseia a nossa sociedade acabaria por ruir como um frágil castelo de cartas.

Importa, então, ter sempre presente o que é fundamental e verdadeiramente prioritário. Tudo avança de acordo com a Lei Cíclica e todos, inclusive os povos, seguem o percurso de nascimento, desenvolvimento, amadurecimento e morte. Inevitavelmente, todos serão atingidos pela decadência, enquanto outros, ao mesmo tempo, florescem ao seu lado. O futuro recapitulará a glória do passado, mas agora numa volta mais alta da espiral evolutiva e com uma consciência mais amadurecida.

Em “A Doutrina Secreta”, encontramos um parágrafo que descreve o processo alternado de decadência e florescimento de povos, raças e civilizações. Antevendo o surgimento, em um futuro distante, da sexta raça-Raiz, Helena Blavatsky escreve:

“ (...) Dentro de uns 25.000 anos, começarão a preparar a sétima sub-raça; até que a sexta raça-raiz fará o seu aparecimento no cenário de nossa ronda, como consequência de cataclismos cuja primeira série deverá um dia destruir a Europa e, mais tarde, toda a raça ariana (alcançando assim as duas Américas), bem como a maior parte das terras diretamente ligadas aos extremos dos nossos continentes e ilhas. Quando se dará isso? Quem o sabe! Talvez somente os grandes Mestres da Sabedoria; e estes permanecem tão silenciosos sobre o assunto como os nevados picos que se erguem diante deles. Tudo o que sabemos é que ela, a sétima raça, principiará silenciosamente; tão em silêncio, na verdade, que durante milênios os seus postos avançados, as crianças especiais que se desenvolverão em homens e mulheres especiais, serão considerados anômalos *luxus naturoe*, como raridades anormais, física e mentalmente. Então, aumentando e tornando-se cada vez maior o seu número com o passar dos tempos, chegará o dia em que eles serão maioria. Então os homens atuais começarão a ser considerados como mestiços excepcionais, até finalmente desaparecerem dos países civilizados, sobrevivendo só em alguns pequenos grupos em ilhas - os picos das montanhas de hoje -, onde passarão a vegetar e a degenerar, para depois se extinguirem, provavelmente dentro de milhões de anos, como se

extinguiram no passado os astecas e hoje está acontecendo com os Nyam-Nyam e a raça anã dos Mula-Kurumbas das Montanhas Nilguiri. Todos estes são os remanescentes de raças que foram outrora poderosas e cuja existência se apagou completamente da memória das gerações modernas, assim como a nossa será um dia esquecida para a humanidade da sexta raça. A quinta raça coexistirá com a sexta durante muitas centenas de milhares de anos, transformando-se mais lentamente que a sua sucessora, mas alterando-se quanto à estatura, ao físico em geral e à mentalidade, do mesmo modo que a quarta raça coexistiu com a raça ariana e a terceira com a dos atlantes." [1]

Nós mesmos - as mônadas humanas, nossos eus superiores - percorremos todas as várias etapas de desenvolvimento que são as raças e suas respectivas sub-raças. Nós vivemos o esplendor da Lemúria e a decadência da Atlântida, assim como viveremos as gloriosas etapas humanas do futuro.

**NOTA:**

[1] "A Doutrina Secreta", H. P. Blavatsky, Ed. Pensamento, São Paulo, Vol. III, p.463. A tradução do trecho foi revista com base na edição original de "The Secret Doctrine", Theosophy Co., Vol. II, p. 445.

## Viagem Espacial é Experiência Iniciática

### Astronauta Teve Expansão de Consciência ao Ver a Terra do Espaço

Um canal de televisão transmitiu tempos atrás uma entrevista com Eugene Cernan, o último astronauta a ter pisado na Lua [1]. O astronauta fez uma descrição comovente do que sentiu no espaço, olhando o nosso pequeno globo. Chegou mesmo a confidenciar que tudo isso foi para ele uma autêntica epifania, uma experiência mística.

A certa altura da entrevista, Eugene diz:

"Observando a Terra a girar sobre si própria, procurei pelos fios que deveriam estar a sustentá-la."

Pouco depois, ele acrescenta:

"E cheguei à conclusão... de que há algo que eu não entendo. A Terra tem um propósito e uma lógica tais que tem de haver alguém superior a todos nós, um Criador que concebeu uma pequena parte do Universo que eu tive o privilégio de ver."

Por fim conclui:

"Isto não é uma afirmação religiosa, pois eu respeito a forma como se resolve adorar um deus ou o nome que lhe dão."

Claro que Eugene não é um estudante de Teosofia e por isso invoca, equivocadamente, a figura de um suposto criador.

Importa, porém, acima de tudo, refletir sobre a sua extraordinária experiência iniciática no espaço, ao contemplar o vazio aparentemente desolado do sistema solar, com o planeta Terra iluminado pelo majestoso Sol. A experiência de Eugene é um exemplo do tipo de religiosidade comentado por Albert Einstein, com um sentimento religioso que percebe que algo está oculto e permanece inacessível à nossa mente – a religiosidade cósmica – que transcende qualquer concepção antropomórfica e que se centra no sentimento genuíno de veneração e admiração da Beleza transcendente resultante da ação da Lei Una. [2]

Para a Teosofia esse Algo está em tudo, dentro e fora, desde a mais pequena partícula até o mais grandioso aspecto do Cosmos. Este Algo é o sempre Incognoscível e misterioso processo da evolução, e ele inclui a infinita potencialidade criativa da Natureza.

Blavatsky escreve em “A Doutrina Secreta”:

"A Natureza, tomada em seu sentido abstrato, não pode ser 'inconsciente', sendo, como é, a emanção da Consciência Absoluta e, portanto, um de seus aspectos no plano da manifestação. Onde está aquele que se atreve a negar ao vegetal, e mesmo ao animal, uma consciência própria? Tudo o que ele pode dizer é que essa consciência transcende os limites da sua compreensão." [3]

Da mesma forma, não negamos consciência própria a um planeta. Nada há de inconsciente ou não-vivo no Universo.

O que existe é uma limitação da nossa parte em conseguir abarcar, compreender e perceber todos os níveis e manifestações da Consciência e Vida Una. No fundo, foi essa a constatação final do último homem a pisar a Lua.

## NOTAS:

[1] Ver em <http://sic.aceiou.pt/online/video/informacao/NoticiasVida/2009/6/o-ultimo-astronauta-a-pisar-a-lua.htm> .

[2] Veja o texto “A Religião Cósmica”, de Albert Einstein, na seção “Ciência, Psicologia e Teosofia” do website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) .

[3] “A Doutrina Secreta”, Edição Pensamento, Vol. I, p.308.

# Diálogo Sobre os Sábios dos Himalaias

## **Estudante A:**

Por que razão tem havido - ao longo dos milênios - tantos Sábios vivendo na Índia, nos Himalaias, e na Ásia em geral?

## **Estudante B:**

Os povos asiáticos estão entre os mais antigos das culturas adiantadas que há hoje no planeta. É natural que povos antigos tenham mais sabedoria que povos novos, pelo menos no ciclo atual da humanidade. A Índia é o berço da humanidade atual. É compreensível que a coordenação espiritual da atual humanidade - pós-Atlântida - esteja no berço, na origem.

## **Estudante A:**

E por que é tão importante a região dos Himalaias?

## **Estudante B:**

A atmosfera fisicamente elevada das montanhas cria um magnetismo especial. As grandes altitudes dos Himalaias garantem o retiro e o sossego indispensáveis para os sábios. Em qualquer lugar do mundo, as nascentes dos rios são locais tradicionalmente sagrados e há motivos magnéticos para pensar assim. As nascentes estão nas serras e cordilheiras.

## **Estudante C:**

Qual o motivo de não aparecer um número maior de Sábios e Mestres para ajudar a humanidade? Por que razão eles não nos auxiliam mais diretamente?

## **Estudante B:**

Educar corretamente uma criança não é igual a obrigá-la a estudar 24 horas por dia. Para cuidar e educar é necessário respeitar o ritmo próprio do processo vital a ser cuidado e estimulado. Em pedagogia, o método Paulo Freire, da autonomia do aprendiz, corresponde perfeitamente à pedagogia das escolas autênticas de teosofia.

A quantidade de Mestres e de Mensageiros Deles que ocorre de modo visível em meio à cultura humana depende, sobretudo, da capacidade de assimilação dos humanos. A grande pergunta, pois, não é "por que não há mais Mestres", mas, sim, "**por que não aproveitamos melhor o ensinamento que está ao nosso dispor**".

Quando o discípulo está pronto, o Mestre aparece, isto é, o Mestre se torna visível para o discípulo, porque, na verdade, o Mestre estava lá o tempo todo. Quando a humanidade estiver pronta, os Mestres aparecerão. Até lá, a tarefa que está em pauta é observar e aumentar a



capacidade humana de assimilar, de compreender e de tirar proveito dos ensinamentos que já estão disponíveis.

Usando bem os ensinamentos que já nos foram dados, novos ensinamentos "aparecerão" naturalmente. Eles talvez já estejam ao nosso dispor. Talvez faltem apenas olhos para ver, da nossa parte.

**Estudante A:**

Mas então qual é a barreira que nos separa dos Mestres de Sabedoria?

**Estudante B:**

A única barreira entre os Mestres e nós é a nossa própria ignorância. Barreiras físicas não são importantes porque a distância física não existe para os processos interiores e que dizem respeito à alma. A questão, pois, é nós eliminarmos a nossa ignorância. Sendo ignorantes, poderíamos apertar amavelmente a mão de um Mestre que nos fosse porventura apresentado fisicamente, e pensar:

"Quem é este ignorante?"

Pensaríamos isso por que não O reconheceríamos. Ele seria nosso espelho. Mas é claro que não correremos este perigo, porque a porta cíclica está fechada para o contato ostensivo com eles desde o ano de 1900.

O tema do não-reconhecimento da presença de um ser espiritual está bem trabalhado não só no romance "O Idiota", de Dostoievsky; mas no filme "O Idiota", de Akira Kurosawa - que é baseado no livro de Dostoievsky. Sobre o mesmo tema, há o excelente filme "Kaspar Hauser", de Werner Herzog, entre outras obras, naturalmente. O assunto também é abordado no texto "E Se Cristo Voltar Neste Natal", que está na seção "Cristianismo e Teosofia" do website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com).

# Os Passos Iniciais do Caminho

## Como Aproveitar as Oportunidades do Aprendizado

**Robert Crosbie**

Lamento que ocorram tantas coisas desagradáveis no começo. Posso entender muito bem tudo isso: calor, poeira, cansaço, em contraste com aquilo que se abandonou. É necessário ter coragem e resistência, e estas são qualidades desejáveis, assim como as qualidades que um Kshatria [1] deve ter. Isso, porém, não torna menos importante o discernimento: *não é possível fazer tudo ao mesmo tempo.*

Mas, como nós todos desejamos uma luta que possa preparar-nos da melhor forma possível, podemos sorrir interiormente enquanto contemplamos os esforços da natureza para anular as nossas decisões. Todos nós temos as nossas batalhas, e se estamos neste exército podemos ter certeza de que o Eu Superior provocará tantas provações quantas forem necessárias para nossa natureza peculiar. Penso que as coisas ficarão um pouco melhor depois de algum tempo - elas sempre ficam.

É a personalidade que não gosta de desconforto, mas ela se acostuma com as coisas depois de algum tempo. Assim, seja qual for a situação no futuro, é sábio lutar ao longo das mesmas linhas, como se esse fosse o trabalho da sua vida. *Quando a batalha estiver vencida, a necessidade cessará*, porque o Eu Superior não desperdiça esforços.

É fácil dar conselhos, e é mais difícil segui-los, mas é a prática que se necessita. Todas estas coisas devem ser necessariamente testes e treinamento - pelo menos, eu penso que este é o modo correto de olhar para elas.

A analogia de “A Doutrina Secreta” mostra que cada mudança é precedida de uma rápida recapitulação de processos anteriores da evolução. Me parece que poderíamos usar isso em nossos próprios processos mentais e ser, possivelmente, capazes de compreender a nossa posição no ciclo. Poderíamos conseguir que *só a mente* passasse pelos processos preliminares, entrando em ação quando se chega ao ponto adequado, usando a *busca do mais alto* como uma motivação. Deveríamos buscar o mais alto desde novos níveis a cada momento. “Não é assim que se consegue subir montanhas?”

À medida que nos elevamos, de vez em quando temos vislumbres do lugar de onde começamos; e, ainda que às vezes pareça que estamos descendo de novo, podemos perceber que, na média, nos elevamos. Assim, esperando tais coisas, nós aproveitamos cada oportunidade para aumentar a subida e evitar precipícios - porque dizem que em tais assuntos as regiões montanhosas são numerosas.

Lembre também de que há muitos restos não gastos de Carma passado - “depósitos mentais” segundo Patañjali - que você evocou para incluir na sua contabilidade. Alguns deles vieram e outros *virão*. Tenha cuidado para não contrair novas dívidas, postergando assim o acerto final de contas. Você sabe das dificuldades, e deveria fortalecer a si mesmo para passar por elas. Ninguém pode fazer isso por você, como sabe.

Também é correto sentir que, em seu aparente isolamento, você não está sozinho. Este “sentimento” deveria ajudar você, e acho que ajuda. Mantenha-o por perto.

Como sempre, R.C. [2]

## NOTAS:

[1] Kshatria: um guerreiro.

